

PARA A HISTÓRIA DA GRANDE IMPRENSA NO CEARÁ

Vianney Mesquita (*)

1. INTRODUÇÃO

O Ceará possui considerável tradição de cultura, bastando repassar sua memória histórica, importante segmento da própria história nacional, para que se constate sua participação na conquista do acervo ergológico do Brasil.

Na música, no Direito, na Filosofia, na Sociologia, nas artes em geral, este pouco lembrado Estado brasileiro tem pontificado, por meio das suas grandes expressões, como excelente contribuinte para a acumulação e prestígio da cultura brasileira, interna quanto externamente.

Apenas para lembrar, pois a maioria das pessoas de informação mediana disto sabe sobejamente, poderíamos exemplificar a presença cearense no cenário nacional no que respeita à cultura, através de homens da dimensão de um Alberto Nepomuceno, no campo dos estudos musicais; de Clóvis Beviláqua, na seara do Direito; de Farias Brito, no pensamento filosófico; Djacir Menezes, na Sociologia; Paulo Bonavides, na Ciência Política; José de Alencar, Franklin Távora, Juvenal Galeno, José Albano e Domingos Olímpio, nas Letras, apontando, no terreno das Artes Plásticas, nomes como os de Antônio Bandeira, Aldemir Martins e Sérvulo Esmeraldo, todos com significativa produção nas suas áreas, todos eles conhecidos e admirados além fronteiras. Impossível é fazer referência ao

(*) Professor do Dept.^o de Comunicação Social e Biblioteconomia da U.F.C. Editor da **Revista de Comunicação Social** da U.F.C. Redator da TV Educativa do Ceará. Membro da Associação Brasileira de Jornalismo Científico — Seção do Ceará. Jornalista.

grande contingente de pessoas que militaram, ou o fazem, ainda hoje, em todos os campos da atividade humana e que têm inscritos seus nomes e suas obras no panteão da cultura do País.

Não se pode negar que ainda guardamos muito do provincianismo cultivado ontem, em razão da falta de cadência desenvolvimentista do Estado, especialmente no campo educacional, debitada por muitos à má distribuição dos recursos financeiros oriundos do poder público, que contempla, como maior dosagem de simpatia, os projetos dos Estados abastados. Esse crescimento pouco organizado em todas as frentes tem enorme reflexo na vida cultural do Ceará, pois, na grande maioria dos casos, o econômico preside o social, o cultural vem a reboque do financeiro e o resultado é o descompasso a que se assiste entre os Estados ricos e os pobres.

Em razão desse *status quo*, é natural que nossas instituições — numa microvisão regionalista — ainda não tenham conseguido se fixar nos procedimentos consagrados pelas práticas de países melhor dotados culturalmente, isto é, mais criteriosos, mais ciosos das responsabilidades e, por isso mesmo, mais obedientes aos ditames científicos. Aqui, vez por outra, uma instituição abre mão de regras deontológicas sacramentadas pelos costumes e despreza até normas legiferadas expressamente, cometendo os mais absurdos desmandos, cujo reflexo imediato se faz sentir na nossa contextura social.

Entretanto, não nos querendo deter nesse aspecto, de profundas imbricações sócio-políticas, intentamos, com estas considerações propedêuticas, evidenciar mais uma vez a diferença existente e consabida entre as diversas regiões do Brasil, o que não ocorre — e também todos o sabem — na maioria dos países europeus.

Explicar não é preciso. Talvez seja até ocioso referir, justificar tal situação. É suficiente recorrer à História e à Sociologia brasileiras para se ter uma idéia racional desta diferença; ver-se, por exemplo, por onde começou a Colonização, isto é, quais os pontos do Território considerados mais viáveis pelas autoridades reinóis e pelo povo de então, para, em seguida, compará-los com as regiões de hoje, onde florescem os grandes centros de decisão em todos os setores.

Este *cultural lag* interregional, conquanto natural, consideradas as contingências históricas antes aludidas, não é bom se tem procurado, via universidade, imprensa e demais instituições, compor essa desigualdade desenvolvimentista, mor-

mente no que se relaciona com o exercício da cultura nos seus mais latos compreendimentos.

O quadro não é, por conseguinte, tão feio como a muitos faz parecer. O progresso tecnológico (fruto do pensamento, do espírito, achamos nós, que discordamos daqueles que indigítam o progresso como fator impeditivo do pensamento), que aconteceu nos últimos decênios, nos veio em socorro, especialmente com a modernização dos *mass media*, das novas descobertas e invenções da Química, da Física, da Biologia, da Medicina, da Informática, da Eletrônica e, até, da Biônica — cujos efeitos o mundo já experimenta, haja vista as pesquisas realizadas pelos japoneses e americanos com os computadores de sexta geração, de componentes protéicos vivos, em vez de componentes de silício.

A modernização da produção dos veículos massivos propiciou o aumento das audiências e, com isso, proporcionou a formação de um espírito crítico, o estabelecimento de um pensar por parte daqueles com a possibilidade de fazê-lo: os escolarizados, infelizmente no Nordeste muito poucos, se considerarmos a densidade demográfica da Região.

Em que pese, então, a esta situação histórica e climatometeorológica do Ceará — que permanece por causa disso um Estado bastante pobre, vítima da malversação administrativa desde os seus começos, embora as soluções tenham sido apontadas há mais de um século por cientistas do próprio Ceará (*) — aqui se praticam, também, atividades do espírito, no sentido antropológico.

Em meio a uma indústria bastante desenvolvida — resultado das arrojadas estratégias de industrialização feridas no Governo de Juscelino Kubitschek — a um comércio efervescente e rentável e a uma sofrível agricultura — por conta das adversidades ainda não controladas — fazem-se universidade, literatura, teatro, ciência, cultura e imprensa.

Evidentemente, não se pode comparar, em qualidade como em quantidade, com o que se faz no setor em centros como São Paulo e Rio de Janeiro, por assim dizer, o eixo-capital do grande País, em todos os sentidos. Porém, podemos afirmar que rivalizamos, em matéria de movimentação cultural e científica, *mutatis mutandis*, com Minas Gerais, Rio Grande do Sul ou Paraná, por exemplo, que são respeitáveis centros sócio-econômicos.

(*) Referimo-nos aos planos exeqüíveis de combate e prevenção contra a seca formulados por Guimarães Duque e ainda sem execução.

Com as deficiências da herança provinciana a que nos já referimos, possuímos uma Universidade Federal que, desde a sua fundação pelo Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, em 1954, produz ciência, tecnologia e cultura nos limites das suas possibilidades, dentro do que lhe permitem os recursos financeiros e humanos, tendo respondido, durante esses trinta anos, pela escolarização em nível de terceiro grau da maioria das inteligências cearenses, parte expressiva da inteligência brasileira, que tocam hoje a indústria, o comércio, a agricultura, o ensino, o turismo, as artes cênicas, a música, os serviços, as Forças Armadas e a imprensa.

Não nos cabe aqui traçar a apologia da Universidade Federal do Ceará, até porque não é objetivo destas considerações. Contudo, será difícil perfilar a atualidade cearense sem fazer remissão, por exemplo, à produção de livros e revistas da melhor qualidade científica, de excelente feitio técnico e aparência plástica impecável, pelo que temos ficado conhecidos no mundo inteiro. São mais de quatrocentos títulos contemplando todas as áreas do saber; aos projetos em Ciências Agrárias, desenvolvidos nas fazendas experimentais de sua propriedade e que têm indicado a adoção de medidas de defesa e prevenção contra os rigores das secas, além de ensejar o descobrimento de novos métodos e técnicas de manejo vegetal e animal, contando, ainda, com a boa qualidade do ensino apoiado nas fazendas; à sua política extensionista comunitária, no ministério de cursos e na realização de palestras, exposições de todos os jaezes, tocatas, leituras teatrais e outras promoções, muitas das quais veiculadas pela sua Rádio Universitária FM. É claro que nos vamos eximir de fazer menção, mesmo ligeira, aos seus 34 cursos de graduação e 16 de pós-graduação, a nível de Mestrado, que entregam, todos os anos, centenas de profissionais ao bom mercado de trabalho.

Com a reunião de cursos isolados, o mesmo Reitor Martins Filho fundou outra Universidade — a UECE — Universidade Estadual do Ceará, que prepara principalmente mão-de-obra docente de 1º e de 2º graus, administradores públicos e privados, veterinários, assistentes sociais e mais de uma dezena de outros profissionais de nível superior, que são lotados em maior número nas diversas instituições do Estado.

Uma Universidade particular — a UNIFOR — Universidade de Fortaleza também funciona efetivamente. Instalada no começo da década de 1970 pelo Chanceler Edson Queiroz, já desaparecido, a UNIFOR habilita profissionais em mais de vinte carreiras, dividindo a procura de vagas com as duas outras e

cujos docentes são, em grande parte, também professores de outra ou até das duas instituições já referidas.

Além dessas IESs localizadas na Capital, existem em formação a Universidade Vale do Acaraú, (*) com sede em Sobral e escolas em algumas cidades da Zona Norte; e a Universidade Regional do Cariri, no Sul, com sede em Crato e escolas em cidades daquela região do Estado.

Funcionam, também, em Fortaleza, duas unidades isoladas particulares — o Instituto de Ciências Religiosas, da Arquidiocese, que mantém cursos de Filosofia e Teologia; e o IBESC — Instituto Básico de Estudos Superiores, mantenedor dos cursos de Secretariado e Gerência Empresarial.

Grande número de colégios públicos e particulares em todo o Estado preparam estudantes para as universidades e escolas isoladas, cujos exames vestibulares são realizados duas vezes por ano.

Teatros, museus, bandas e fanfarras, conjuntos, orquestras, regionais e trios, grupos folclóricos bem organizados, grupos de teatro e circos são mantidos pelo Estado e por particulares, incluindo, ainda, os movimentos dos meios universitários que promovem, com freqüência, encontros regionais e nacionais, de modo que a expressão cultural do Ceará condiz com suas possibilidades e, se mais não faz, é porque não há condição para tanto.

Quanto à vida político-parlamentar, esta na atualidade é semelhante a de outros Estados, posto que a perseguição dos objetivos é a mesma: a busca do poder, que mobiliza a opinião pública no Ceará como em qualquer parte do País.

Referimo-nos, linhas atrás, ao que denominamos *defeitos de herança provinciana*, o que convém seja explicado. É que, a despeito dessa boa *performance* sócio-cultural cearense (boa, em termos de Brasil), certos vícios do passado permaneceram no curso de nossas atividades culturais. Somente para exemplificar, é muito comum, podemos quase generalizar — ressaltando naturalmente alguns casos isolados, a loa na crítica literária, tenha ou não qualidade o que é publicado. Dificilmente, um crítico vai aos jornais ou às revistas literárias aqui existentes para discórdar de um ponto, de uma construção, da impropriedade de um escrito qualquer. Geralmente, o compadrio, o encômio barato, a apologia de encomenda constituem o *leitmotiv* da crítica, que vai encorajar o escrevinhador a publicar mais conto, poesia, romance e outros gêneros

(*) A UVA foi recentemente encampada pelo Governo do Estado.

com a mesma má qualidade, sem melhorar, sem se reciclar, louvado no comentário encomendado. O resultado é a multiplicidade de coisa ruim em matéria literária, do que o Ceará e o Nordeste inteiro se locupletam.

A imitação do Rio e de São Paulo, exatamente daquilo que tem pouca qualidade ou não tem nenhuma, é outro nosso grande pecado. O falar, a gíngua, o anúncio publicitário, a moda etc. são "chupados" automaticamente, sem nenhum peneiramento, do Rio e de São Paulo, onde estão as cadeias nacionais de televisão e de rádio. Bom, porque estreita o Brasil em todos os seus quadrantes; mau, porque descaracteriza a cultura regional, não a preserva e, sim, a destrói, além de não acrescentar nada aos nossos cabedais, pois que se imitaram coisas sem nenhuma importância.

Há jornais e emissoras de rádio (e até de televisão) em Fortaleza que ainda registram "mais um genetliaco de Fulana de Tal, filha dileta do nosso companheiro Sicrano, aqui da redação".

Ao cabo destas considerações, presume-se que ao observador medianamente hábil é possível, desde já, visualizar o nível da imprensa que se exercita hoje no Ceará, o estágio que atravessa e as suas perspectivas, o que procuraremos fazer nesta abordagem, depois de ter procedido a esta *planta de situação* muito geral e retalhada da ambiência onde esta imprensa tem curso, tomando tento em facilitar a compreensão e explicando, sem pretender justificar, suas impropriedades e ruídos.

2. ANTECEDENTES

Sem precisar época nem arrolar muitos nomes de jornais e de pessoas que deixaram sua marca na história, vamos apor o periodismo no tempo que antecede a década de 1960, a partir de quando tomou ares de austeridade, divorciou-se do romantismo do passado e fixou-se como atividade mais ou menos normalizada, mais pendida para o científico do que para o empírico, até atingir o atual estágio de desenvolvimento que experimenta.

O *Diário do Governo do Ceará* — somente para iniciar com um referencial — foi o primeiro órgão da imprensa cearense, como veículo de ofício, já que seus antecessores não podiam ser considerados jornais na expressão da palavra, pois folhetos, pasquins e jornalecos, escritos até à mão, como os *circuli* de Roma, de efemeridade semelhante aos jornais de

associações, grêmios literários e quejandos, cuja existência dificilmente ultrapassa o terceiro número.

Tendo como paredro o Padre Gonçalo Inácio de Albuquerque e Melo, dito Padre Mororó, o *Diário do Governo do Ceará* tinha por linha editorial o ideário separatista de algumas províncias do Nordeste, insatisfeitas com o Imperador Pedro I, movimento que a História refere fartamente sob a denominação de Confederação do Equador. Vencido o Movimento, todos os seus comandantes foram presos e muitos deles executados em praça pública.

O *Diário*, apesar de político por excelência, veiculava notícias, anúncios e composições literárias, já muito a gosto, mas quase sempre fazendo alusões à luta separatista, evidentemente sem nenhum tratamento da mensagem.

Digno de referência era o *Libertador*, apegado à causa abolicionista e influente nas decisões das autoridades locais representantes da Coroa.

Veio a República em 1889 e, com esta, nova ordem constitucional e política que refletiu intensamente na vida da Província.

Registra-se a existência de grande número de jornais e folhetos de oposição e situação, religiosos, maçônicos e satíricos. Quase todos esses órgãos, de curta duração, vazavam suas matérias na base da crítica mordaz, no comentário pesado e ofensivo que, não raro, ensejavam lutas corporais.

Sobressai-se, pelo que de diferente dos seus coetâneos, na Primeira República, o *Ceará*, dirigido por Júlio de Mattos Ibiapina, que cultivava um jornalismo menos retaliativo, mais respeitoso, embora bastante viril nos seus editoriais, sem, entretanto, se utilizar da ofensa, da crítica soez, do enxovalhamento rasteiro.

Outro, de vida mais longa, pois desaparecido em 1982, já nas mãos de particulares, depois de haver pertencido aos Diários Associados, foi o *Unitário*, fundado em 1903 por João Brígido e que atravessou diversas crises políticas tendo sempre de se amoldar às situações na oportunidade de vários vexames. Também o *Povo* e o *Correio do Ceará*, sobre os quais falaremos à frente, nasceram sob a Primeira República.

Com a queda do Presidente Washington Luís e, em consequência, do Presidente do Ceará, José Carlos de Mattos Peixoto, novamente muda o direcionamento editorial dos jornais e revistas, quase sempre conduzido pelas contingências político-administrativas. Quem era situação, passa à oposição e vice-versa.

Vêm a Constituição de 1934 e o Estado Novo, a participação do Brasil na Segunda Guerra e a queda de Getúlio Vargas, a eleição do Presidente Dutra, o suicídio de Getúlio, Juscelino, o Parlamentarismo e o retorno ao Presidencialismo — tudo isto prato muito bom para o gosto da imprensa que, sem aquele tratamento próprio da informação hodierna, se comprazia com deixar o povo informado, emitindo suas opiniões, nas mais das vezes, tendenciosas.

Mas era uma imprensa idealista, apesar dos defeitos apontados *a posteriori* pela teoria científica. Era uma atividade não empresarial, “uma cachaça” — como costumam dizer alguns companheiros mais velhos. Além disso, significava prestígio, publicidade pessoal, fama, principalmente depois do fastígio do rádio, com o fastígio do rádio, que aproveitou para os seus quadros o mesmo pessoal dos jornais.

3. A IMPRENSA CEARENSE DE HOJE

Alguns jornalistas cearenses mais na idade costumam situar, sem muito rigor, a fase moderna da nossa imprensa a partir de 1960, exatamente quando se fazem sentir os efeitos das descobertas e invenções no campo das comunicações, como o transistor, o teletipo e a radiofoto, aqui instalados nos primeiros anos da década.

O rádio, que proporcionara aos jornais maior rapidez na transmissão das informações — pois era ouvido antes de os telegramas de agências chegarem às redações — sofreu tremendo baque quando da instalação da primeira emissora de televisão, a TV Ceará — Canal 2, em 1960, pelos Diários Associados, a que pertenciam, também, a *Ceará Rádio Clube* (hoje com quarenta anos de existência) e os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*. O mesmo não ocorreu com o jornal, tributário da televisão, pois que esta lhe ensejou maior demanda publicitária, especialmente dos pequenos anunciantes sufocados pelos poderosos fregueses de anúncios na televisão, cujo preço do minuto era proibitivo àqueles de menor encaixe. Este fato veio melhorar sensivelmente a solvabilidade dos jornais que, assim, poderiam se modernizar, comprar equipamentos, aumentar salários e prestar assistência social aos empregados, além de se definirem como empresas negociais, como de fato eram. Ademais, todas as transmissões da televisão, exceto os filmes de cinema, eram ao vivo, razão por que ao jornalismo da *TV Ceará — Canal 2* não se podia cha-

mar telejornalismo, pois o que se via era o locutor falando, com aquela voz bonita do rádio de outrora, a linguagem do rádio — e rádio mal feito — na televisão, um meio dentro do outro, o que para nós hoje é ridículo. Quando muito, veiculavam-se filmes sem pista de som, quase sempre defasados, mal revelados e sem nenhum sincronismo imagético-textual, em razão do desconhecimento, pelos operadores e redatores, da linguagem televisiva, além da inexistência de equipamento mais trabalhável.

O telejornalismo, então, não pregou ao jornal nenhum susto. Quando o *video-teipe* chegou, os jornais já se haviam modernizado, o ensino da Comunicação no Brasil já estava bastante difundido e apreendido pelo nosso universo de profissionais de jornal, rádio e televisão. Para cada um desses meios foi apropriada coerentemente sua linguagem; aprendeu-se que cada mensagem, dependendo do veículo e do público, merece um tratamento diferenciado, fato que veio dissipar em parte o temor de que os meios não podiam coexistir, a não ser que continuassem sendo desobedecidos os postulados da teoria e a eloqüência das pesquisas em Comunicação Social.

A imprensa cearense foi tocada, na sua história — e a isso se pode creditar o sucesso de hoje — por uma sorte: a coincidência de terem sido dentre os melhores profissionais do rádio, do jornal e da televisão, os escolhidos como primeiros professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, em 1966. Todos jornalistas de mister, com formação jurídica ou filosófica, essas pessoas foram baluartes da implantação do Curso. Muitas delas já não se encontram na Escola, aposentadas ou mortas. Esses professores enfrentaram as vicissitudes de uma implantação corajosa com a determinação dos fortes, de modo particular arrostando os derrotistas e os céticos do êxito e da necessidade do ensino universitário de Comunicação, segundo os quais “jornalista se faz é na redação”.

Talvez nem seja necessário, por absolutamente lógico, evidenciar o grau de contribuição do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará para o aprimoramento do jornalismo nesta terra. O fato é que, ainda com o bom sangue antigo, se exerce um jornalismo maduro, medido e pesado, correto e ético, digno, mais moderno, mais especializado, mais instrutivo, educativo, informativo e produzido, em cerca de 90%, por egressos da Universidade.

Excetuam-se, logicamente, os vieses tão comuns a uma terra pobre, sofrida, castigada, onde o ter preside o ser, onde os portentos do dinheiro e do prestígio ainda conseguem subjugar os menos favorecidos, onde a lei se aplica, ainda em muitos casos, só aos pequenos. Mas, ao nos remetermos a estes vieses, até nas grandes cidades dos grandes países há os *gêneros*, os exageros, há um *O Dia*, uma *A Luta* e outros exemplos de sensacionalismo e de jornalismo-denúncia ultrapassado e irresponsável que costuma ouvir só uma parte.

Após essa ligeira digressão para assinalar a importância da formação universitária no estabelecimento do nosso atual padrão de jornalismo, voltamos ao fio da meada dizendo que, infelizmente, o jornalismo que se pratica no rádio e na televisão é inferior àquele que se exercita na maioria dos jornais, que também possuem maus representantes. As emissoras de rádio e de televisão agora que se estão preocupando com as suas redações e emissões de noticiosos. Com noticiosos bem elaborados e emitidos com técnica corrente, são exceções a *TV Verdes Mares — Canal 10*, com os defeitos que abaixo apontamos, a *Rádio Verdes Mares AM*, a *Rádio Verdes Mares FM* e as duas estações, AM e FM, da *Rádio Jornal O Povo*, coincidentemente os dois grupos que mantêm os jornais *O Diário do Nordeste* e *O Povo*. As outras emissoras de rádio apresentam, apenas, rudimentos de radiojornalismo, com programas noticiosos em que pontifica a industriiosidade do apresentador — (como os noticiosos da *Rádio Cidade*, por exemplo) e onde o forte são a música, o futebol e o noticiário policial.

Exceto as estações de rádio acima apontadas, as outras — *Uirapuru*, *Assunção*, *Cidade*, *Dragão do Mar*, *Ceará Rádio Clube* e *Iracema* — continuam a se utilizar demasiadamente dos *releases* e até de copiar os jornais diários, numa verdadeira inversão da instantaneidade do rádio. Aliás, o rádio cearense, salvo os exemplos apontados, ainda não conseguiu se equilibrar depois do *nock-out* que a televisão lhe infligiu.

No que concerne à TV, a única emissora relativamente independente é a *TV Educativa — Canal 5*, do Governo do Estado e componente do Sistema Integrado Nacional de Rádio e Televisão — SINRED, do Ministério da Educação e Cultura, que tem por *controller* a Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, no Rio de Janeiro. Mesmo assim, vive atrelada a uma autocensura extremamente filial, que pode controlá-la a seu bel-prazer, a tempo e a hora. Veicula, de ordinário, matérias governamentais *recomendadas* (até com 10 minutos de

duração), matérias culturais, científicas, esportivas e noticiário geral, num jornalismo de gosto e feitura pouco idôneos, menos por falta de capacidade funcional do que por dificuldades instrumentais e de natureza autocensora.

A *TV Verdes Mares — Canal 10* (Globo) e a *TV Cidade — Canal 8* (Bandeirantes), na qualidade de afiliadas, têm bons e modernos equipamentos que ensejam a feitura de um telejornal plasticamente perfeito (mais a *Verdes Mares*), mas têm de obedecer cegamente, ou melhor, contratualmente, na qualidade de afiliadas, às suas mentoras, dedicando pequena faixa dos seus noticiosos às matérias domésticas, frequentemente prejudicadas com a emissão de conteúdos promocionais das empresas industriais, agropastoris, comerciais e de serviços a cujo grupo pertencem.

Quanto à *TV Manchete — Canal 2*, sucessora em concessão da *TV Ceará*, a que nos referimos no começo do capítulo, é uma estação do próprio Grupo Manchete, cuja linha é nacional. Enquanto as outras três — *Educativa*, (*), *Verdes Mares* e *Cidade* — dedicam algumas horas semanais aos programas de casa, de natureza geral, a *Manchete* mantém apenas o telejornalismo, limitadíssimo à inflexível batuta do Rio de Janeiro. No Ceará não se pode noticiar sobre seca, pobreza e calamidade nos noticiários da *Manchete* em Fortaleza porque

“... os Bloch têm horror à miséria”.

Se na cidade grande o rádio tem esses defeitos, que de há muito já devia ter escapado, nas pequenas cidades — mais de vinte emissoras pertencentes sempre a grupos de poder — as estações não têm radiojornalismo e os noticiários são todos, talvez com algumas exceções em Sobral e Crato, ou pescados de outras emissoras ou copiados de *releases* e jornais da Capital, já que os jornais dessas pequenas cidades (Juazeiro do Norte é a segunda do Estado e não conta duzentos mil habi-

(*) Ressalte-se que a *TV Educativa* é uma emissora-escola de primeiro e segundo graus, a verdadeira salvação do ensino dessa faixa no interior do Estado e nas zonas mais pobres da Capital. Sua equipe é de excelente qualidade, trabalhando com uma pedagogia das mais modernas e eficazes. Mantém, como atividade secundária — pois não é seu papel —, dois telenoticiosos: ao meio dia — uma hora — e às dez e meia da noite, como módulo de 1984, da TVE do Rio, considerado por muitos como o melhor telejornal do Brasil.

tantes) são um monumento à decadência do jornalismo, como, por exemplo *A Verdade* (**) (Baturité) e *A Ação*, do Crato, outrora regulares jornais.

4. NOSSOS DIÁRIOS EM CIRCULAÇÃO

Houve tempo em que Fortaleza contava com oito jornais diários, uns matutinos, outros vespertinos. Nos primeiros anos da década de 1960, circulavam *O Nordeste*, o *Diário do Povo*, *Unitário*, *Correio do Ceará*, *O Povo*, *Gazeta de Notícias*, *Tribuna do Ceará* e *O Estado*, sem incluir os semanários do interior na chamada grande imprensa do Estado. Aqueles que não acompanharam a evolução da imprensa, conciliando seu trabalho editorial com o tino empresarial, a organização administrativa, angariação de matérias publicitárias, foram à derrocada, faliram, fecharam.

O Nordeste, matutino católico com grande quantidade de assinantes, da Arquidiocese de Fortaleza, era distribuído para todo o Ceará, e até para Estados limítrofes, através dos vigários das paróquias. Possivelmente em razão da inabilidade administrativa de Dom José de Medeiros Delgado, o Arcebispo, o Jornal desapareceu. Talvez por achar Dom José ser a imprensa uma atividade prosaica, preferindo outras de maior relação com sua pastoral. O mesmo ocorreu com a *Rádio Assunção Cearense*, alienada pela Arquidiocese a um particular.

O Nordeste teve vida bastante longa (criado por Dom Manuel da Silva Gomes, em junho de 1922) e se insere como uma boa escola de jornalismo em nosso meio, uma vez que grande parte dos seus profissionais ainda se encontram em franca atividade.

O Diário do Povo foi um jornal muito combativo, muito bem escrito, do ponto de vista da língua, haja vista o preparo intelectual do seu principal diretor — Jäder de Carvalho — jornalista e apreciado escritor ainda vivo. Porém, era um jornal de denúncia e revanchismo, muito cáustico, violento, até. Já não circula há algum tempo.

Unitário, o órgão de maior longevidade até hoje na imprensa cearense, circulou de 1903 a 1982 e teve sua fase de fastígio quando no poder dos *Diários Associados*, depois do que foi passado a um particular em cujo poder desapareceu, exatamente por questões financeiras. Foi uma grande perda

(**) *A Verdade* é o jornal mais antigo em circulação no Ceará.

para o Ceará, já que *Unitário* foi receptáculo de trabalhos das melhores inteligências de Fortaleza, culminando com sua primorosa edição dominical. Hoje *Unitário* é excelente fonte de pesquisas sobre a história em mais de três quartos do século.

O *Correio do Ceará*, também durante muito tempo pertencente aos *Diários Associados*, fazia um jornalismo de primeira linha, a cuja frente estava, como também no *Unitário*, *Ceará Rádio Clube* e *TV Ceará — Canal 2*, o grande jornalista e polígrafo Eduardo Campos.

O declínio desses dois jornais começou quando instalada, em 1970, a *TV Verdes Mares — Canal 10*. Não por haver a televisão com o novo canal, exatamente dez anos depois de instalada a *TV Ceará-Canal 2*, influído diretamente neste decesso. Mas porque a nova estação trouxe uma programação mais elaborada, inteligente, mais rica em conteúdo e com melhores possibilidades de montagem, em razão da riqueza da sua contra-regra, pois de propriedade de um grupo econômico muito sólido, dirigido por Edson Queiroz. A pouco e pouco a *TV Ceará* foi sendo esvaziada dos anúncios que eram seus desde 1960, o que teve profunda repercussão nos outros órgãos de comunicação dos *Diários Associados* — a *PRE-9*, o *Correio do Ceará* e o *Unitário*. Essa repercussão é explicável: os dirigentes e profissionais dos quatro *Associados* eram os mesmos, muitos dos quais agenciadores de publicidade para os próprios veículos. Os escritórios, dos veículos e da publicidade particular, eram comuns. A Direção permitia! Quando escassearam as verbas, as pessoas começaram a se mudar para outras empresas, principalmente para a *TV Verdes Mares*. Os jornais caíram, então, de nível e, em conseqüência, diminuiu a venda e as assinaturas não se renovaram. O fim estabeleceu-se com a transferência do *Correio do Ceará* e do *Unitário* para grupos da terra, enquanto a *TV Ceará - Canal 2* teve cassada a concessão por inadimplemento às exigências do Dentel e de outros órgãos do Ministério das Comunicações. Somente a *Ceará Rádio Clube*, hoje pertencente ao Escritor Eduardo Campos, sobrevive com certa dificuldade, disputando a audiência com sete estações AM, e de muito boa qualidade, três emissoras FM, na base da música, do futebol e do noticioso mal elaborado.

A *Gazeta de Notícias*, matutino, era o a que se podia chamar jornal "gostoso". Era claro, leve, bem diagramado, com excelentes artigos, reportagens e entrevistas, boa apresentação plástica, embora feito a quente. Essas qualidades,

que o Autor pôde constatar, evidentemente não eram as mesmas em todas as fases por que passou a *Gazeta*. De empresa para empresa, com sucessivas trocas de diretoria, a *Gazeta de Notícias* fechou recentemente, na qualidade de revista semanal das empresas *O Povo* (duas estações de rádio e um jornal, atualmente), que lhe houvera adquirido. Circulava, nestas circunstâncias, aos domingos, quando *O Povo* não ía às bancas.

Restam-nos, portanto, quatro jornais, sem fazer referência à *Folha do Ceará*, que se presta tão somente à publicidade das empresas vinculadas ao Ministro César Cals, e dele próprio, naturalmente. A única vantagem da *Folha* é empregar pequeno número de jornalistas, assim mesmo a instância do Sindicato dos Jornalistas, cujo meritório trabalho em defesa da categoria merece um volume ou mais na História do Ceará.

O Estado, fundado por José Martins Rodrigues em 1936, é o mais fraco jornal que circula em Fortaleza. Aliás, sempre foi um órgão essencialmente político, pois prosélito do pesedismo, unilateral. É um jornal de *gênero*, cuja principal agência é a conhecida *Scissor Press*. É feito em *offset* e, na sua quase totalidade, de recortes de jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Matérias muitas vezes insultuosas, manchetes chistosas e colunas de certo mau gosto formam sua linha editorial. Entretanto, talvez seja a empresa mais sólida financeiramente, pois gasta pouco com pessoal e com material, tendo direito à mesma fatia publicitária que o Governo, principalmente o Estadual, dispensa aos demais jornais de Fortaleza. Está para Fortaleza como *O Dia* está para o Rio de Janeiro.

Em que pese a essa *performance*, *O Estado* é bastante procurado, mais por políticos e administradores públicos, que procuram se inteirar das últimas dos bastidores e do contexto político nacional, especialmente através das colunas de Hélio Fernandes e Adirson de Barros, além de conferirem se, no dia, não estão sob seu chicote.

De qualquer forma, temos de admitir que o jornal é parte importante da nossa história, haja vista os seus quarenta e oito anos de existência, o que vem provar ser um órgão de ofício, mesmo mantendo uma linha de jornalismo que a muitos desagrada no jornalismo moderno.

Tribuna do Ceará, fundado em 14 de setembro de 1957, já é um jornal superior a *O Estado*. Mais noticioso do que opinativo (felizmente), o Jornal é bastante bem diagramado, principalmente as capas de caderno, de muito boa apresen-

tação gráfica, ocupando o terceiro lugar na preferência dos leitores. Com uma tiragem que não supera os dez mil exemplares — um pouco mais do que *O Estado*, que dificilmente chega aos sete mil —, emprega bom número de jornalistas, saídos, em grande número, da Escola de Comunicação Social. *A Tribuna do Ceará* é porta-voz das classes produtoras — indústria, comércio, agricultura, pecuária e serviços — circulando de segunda a sábado com u'a média de vinte e seis páginas. Aos sábados publica um caderno muito interessante, o *TC Dimensão*, trazendo matérias especiais, principalmente culturais. Seus editoriais são, via regra, muito bem escritos e, muitas vezes, isentos o que não se pode dizer do suelto de primeira página, em que se nota a parcialidade do topiquista quando trata de política partidária. Tem sido, desde sua instituição, um jornal governista, entretanto sem aquela filiação velada, servil, mesmo sendo bastante clara a sua linha às pessoas mais avisadas.

A Tribuna do Ceará foi o primeiro jornal cearense a ser composto em IBM e impresso pelo sistema *offset*, o que lhe fez mais arejado, mais bonito.

Tribuna do Ceará traz duas páginas nacionais, uma internacional, uma de economia, duas de Cidade, uma de educação, uma policial e duas de esportes nacional, local e internacional.

No Caderno B — oito páginas — têm lugar as reportagens especiais, cartas, uma página de diversão, mais três páginas de Cidade, duas de pequenos anúncios e, a última, que veicula matérias pagas das prefeituras e câmaras municipais do Estado, quase sempre muito laudatórias.

O Povo, fundado em 7 de janeiro de 1928, por Demócrito Rocha, é um diário matutino, com tiragem média de vinte e cinco mil exemplares e com circulação em Fortaleza e nas médias cidades do Ceará. Com representações no Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Brasília e Blumenau, *O Povo* registra grande procura, mormente no Rio de Janeiro e em São Paulo, em razão da existência, nessas Cidades, de grandes colônias cearenses.

Das segundas às sextas-feiras, o Jornal sai com dois cadernos de dezesseis páginas cada um, ao passo que aos sábados e domingos vai à rua com seus cadernos especiais de Sociedade e Cultura, num total variável entre sessenta e quatro e sessenta e oito páginas.

Composto a frio e impresso pelo sistema *offset* a cores, *O Povo*, como nos grandes jornais brasileiros, divide suas matérias mais ou menos da seguinte forma: *Primeiro caderno* — primeira página: manchetes, chamadas e notícias curtas importantes; segunda: política local; terceira: política nacional; quarta: editoriais, quase sempre em número de três; quinta e sexta: nacionais; da sétima à nona: Cidade; da décima à décima primeira: economia; décima segunda: internacional; décima terceira: policial local; décima quarta/décima sexta: esporte.

No *Segundo Caderno*, com localização flexível, *O Povo* traz matérias variadas, tais como colunas sociais, programações de rádio e televisão, coluna de Artur da Távola, anúncios classificados e uma resenha dos municípios, além, naturalmente, dos anúncios comerciais, editais, e notas e convites fúnebres, que se espalham também pelo *Primeiro caderno*.

Quanto à estrutura física, semelhante em seus aspectos gerais aos diversos grandes jornais brasileiros, *O Povo* tem uma altura de 58cm x 36cm de largura. A mancha gráfica vertical é de 54cm x 34cm de largura, o que comporta seis colunas com a largura de 5cm, aproximadamente 12 paicas.

Fornecidos esses dados técnicos, que poderiam embasar uma análise morfológica, o que não vem ao caso, vamos tecer comentários sobre seu conteúdo e acerca do seu posicionamento editorial como o maior representante da imprensa do Ceará na atualidade.

O Povo é um jornal de boa progênie pois, saído das mãos de Demócrito Rocha — homem inteligente e culto, ex-redator do *O Ceará*, adepto da Aliança Liberal — o Jornal sempre foi muito bem administrado, transitado que esteve durante esses cinquenta e seis anos pela direção de pessoas responsáveis e inteligentes, como Paulo Sarasate e Antônio Tavares, por exemplo, além do próprio Demócrito Rocha.

Toda a ambiência histórica do Ceará, mencionada de leve no começo dessas considerações, foi atravessada pelo *O Povo* com muita sobranceria, até 1964, com a eclosão da Revolução de Março. A partir daí, conquanto continuasse tecnicamente muito bem elaborado, *O Povo* atrelou-se ao governo, principalmente em razão das ligações de Paulo Sarasate com os comandos revolucionários. Mesmo depois da morte de Sarasate, o Jornal continuou numa posição de comodidade, conservadorismo editorial, pelo que mereceu o anátema do povo mais esclarecido e gerou insatisfação e

mal-estar nos seus profissionais pelo exagero censor dos seus editores.

A isso juntou-se o fato de não haver, na Cidade, uma competição efetiva de um outro órgão da sua dimensão. Até a *Tribuna do Ceará*, porta-voz das classes produtoras e patronais, às vezes se levantava com maior coragem do que *O Povo* para contestar determinadas situações, a que o jornal de Demócrito Rocha assistia impassível e, até, aplaudia, através dos seus editoriais excessivamente apologéticos, qual uma Agência Nacional, um DIP getulino, um áulico do Regime.

Esse estado de coisas, circunstancial e conveniente aos editores mas totalmente avesso à índole democrática e liberalista do povo cearense, tem continuidade por longo lapso, não tendo influído em nada a modernização do seu parque gráfico no começo dos anos 70 e a conseqüente transferência para um prédio mais espaçoso, construído para abrigar um grande jornal. A mudança na feição gráfica, a nova plástica do vespertino (hoje é matutino) somente serviram para cair o sepulcro. O conteúdo continuou o mesmo, a subserviência até proporcionou-se, dobrada às instâncias dos AIs. Como se não bastasse a censura do regime de força, que muitas vezes obrigou os jornais a veicularem só matérias internacionais e de lazer, *O Povo* descartava, em várias ocasiões, textos liberados pelos órgãos censores nacionais por entender que poderiam suscitar, no âmbito do Estado, questões de natureza ideológica a tomarem proporções nacionais.

Esse condicionamento, não afetado pelo seu co-partícipe na fatia do mercado, o *Correio do Ceará* (que já demonstrava lassidão de propósitos, *ex-vi*, também, do longo regime de exceção e do seu próprio desordenamento interno), durou até 1981, quando foram inauguradas as modificações editoriais na *facies* do Jornal, suficiente para resguardar sua posição de líder na nossa textura jornalística, tomando em consideração que jamais perdeu o potencial configurado nos seus profissionais, a este tempo latente, mas irresponsavelmente inibido.

A abertura política e social esboçada no final do Governo Geisel e encorpada no de João Figueiredo coincidiu com a entrada, em cena, do *Diário do Nordeste*, empreendimento ambicioso do seu fundador Edson Queiroz.

Não é dizer que as modificações imprimidas a *O Povo* somente foram exeqüíveis por causa da abertura. É claro que a nova ordem democrática amainou, em muitos passos, os rigores do aparelho censore e deu azo a muitas ações novas de

saconselháveis e defesas sob a exceção. Intenta-se dizer é que, durante todo esse tempo, *O Povo* esteve guiado, obediente demais ao regime, sem esboçar nenhuma menção de desagrado, deixando de ser porta-voz dos anseios de justiça social, omitindo informações até liberadas e, por cima, verberando aqueles que se insurgiam contra certas ações antidemocráticas e até iníquas do Governo, por meio dos seus editoriais louvaminheiros, onde escondia o medo para externar um adesismo cômodo, impróprio e abominável aos ideais da imprensa livre.

É evidente, não estamos dizendo terem sido antidemocráticas e iníquas todas as ações do Governo pós-1964. Não precisava *O Povo* pregar a subversão, cultivar e estimular o anarquismo, a guerrilha, o terror, como o não faziam outros jornais representantes da imprensa sadia, seus contemporâneos. Bastava eximir-se de aderir, na pior acepção que esta palavra possa suportar. Era suficiente ter mantido uma linha suprapartidária, acima das ideologias, como convém a uma boa imprensa, informando o que era possível informar e rebatendo pelos sueltos e artigos de fundo os sobejos dos atos e refutando os excessos do poder.

As mudanças ocorridas, portanto, no fio editorial do *O Povo* pouco ou quase nada tiveram a ver com a abertura, pois os adesistas continuam fazendo piso das instituições, das famílias e da imprensa. E, nem por isso *O Povo* de hoje é adesista, pois mantém uma postura coerente com os princípios que norteiam a imprensa, servindo, tão somente à causa da atividade, nos limites da sua possibilidade de ser imparcial, já que a imparcialidade absoluta não é parte do real, mas do mítico.

O Povo modernizou-se porque inovou, abandonando o conservadorismo de anos anteriores e voltando a perflustrar os caminhos da coerência, com sua informação ísenta, em termos de seu todo, o que lhe faz hoje um dos melhores jornais do País.

A permuta de pessoas e o exercício de certos procedimentos que o Jornal levou a efeito em 1981, coincidentemente ou forçado pela sombra que lhe começava a fazer o *Diário do Nordeste*, foram vitoriosos em seus desígnios, posto que lhe responsabilidades perante o povo e o poder (que deve emanar do povo), enquanto aumentou consideravelmente seus riscos num tributo pago pela sua condição de sentinela na defesa do bem-estar social, constantemente ameaçado pelos

erros, tanto de pessoas e instituições comuns, quanto daquelas que controlam o poder na qualidade de autoridades constituídas.

O *Diário do Nordeste*, apesar da sua ainda curta existência, pois fundado em 19 de dezembro de 1981, já tem uma bonita memória e se o coloca, ao lado do *O Povo*, como um grande jornal, até no âmbito nacional.

Tem quase a mesma configuração gráfico-visual do *O Povo*, explorando os mesmos assuntos, quase no mesmo nível de abordagem, visto que muitos profissionais do *Diário do Nordeste* foram tirados, em vista de melhor oferta salarial, dos quadros do seu concorrente.

O *Diário do Nordeste*, com a mesma tiragem do *O Povo*, leva-lhe a grande vantagem de ser componente de um grupo econômico de mais de vinte empresas — de comunicação, industriais, comerciais, agropastoris e de serviço, o que lhe tem permitido muito bem até hoje trabalhar no vermelho. Isto não é dado às empresas *O Povo*, que só de si dependem para sobreviver, pelo que se depreende ter sido bem mais cômoda a sobrevivência do *Diário do Nordeste* desde 1981, podendo dar-se ao luxo de nunca haver sido superavitário, esperando, um dia, vencer a concorrência com *O Povo*.

São jornais mais ou menos do mesmo nível, embora a preferência popular esteja mais no *O Povo*, em razão da sua tradição e da maior cancha que o Jornal de Demócrito Dummar tem no terreno jornalístico.

O *Diário do Nordeste* não atravessou até agora nenhuma crise de provação, de modo que tem tido um posicionamento editorial bastante coerente, sem comprometer a dignidade da imprensa, embora os erros gráficos e de revisão sejam mais freqüentes em si do que no *O Povo*. Mais do que no seu concorrente, o corpo redatorial do *Diário* é bem mais jovem e é quase na totalidade formado por bacharéis em Comunicação egressos da U. F. C.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se pôde sucintamente expor, parece permitir se depreenda que as perspectivas da imprensa cearense são sobranceiras, haja vista a modernização e o crescimento econômico-social que, mesmo ainda em certa desordem, ensejam o desenvolvimento de uma atividade de imprensa sadia e descomprometida (embora as exceções sempre terão de se opor

às regras), máxime por pessoas escolarizadas na Universidade e detentoras de uma situação financeira bastante estável.

Debitamos nossos defeitos à própria organização do País Grande, desde seus começos, inclusive e principalmente pelo fato de este não dispensar à educação, à instrução, à ciência e à cultura a atenção que um País de milhões de analfabetos e outros tantos de pseudo-alfabetizados está a requerer, preferindo inverter grandes somas de dinheiro noutras frentes até menos relevantes e a que não nos cabe referir.

Pela gradação de crescimento do seu efetivo e dos seus valores, depreendemos que a imprensa do Ceará tem-se desincumbido mais ou menos a contento dos cometimentos da sociedade, claudicando aqui, vencendo ali, mas chegando à frente até com certa desenvoltura, considerados os entraves que nos servimos de aqui indigitar, comparável, em muitos passos, ao que se faz em jornalismo nos grandes centros do País e do mundo.

Temos, é verdade, muita coisa a deplorar, como o adésimo de alguns veículos de comunicação, a defasagem dos *media* eletrônicos, o viso exclusivo do lucro sem se importarem com sua missão educacional, instrucional e de construtores da cultura, como “ponteiros dos segundos do relógio da História”, conforme dizia Schoppenhauer, sobre os jornais diários.

Mas hoje, felizmente, algumas das nossas emissoras de rádio — retromencionadas — experimentam extraordinária recuperação do meio, havendo, já, retomado o riquíssimo filão do bom jornalismo.

É-nos, portanto, lícito e justo esperar, com os novos tempos que estão por vir através da melhor movimentação da riqueza e conseqüente aprimoramento das condições de vida, que o Ceará se livre do estado de terra palco de constantes calamidades e se viabilize perante a autoridade, a fim de que sua sociedade, suas instituições e sua imprensa possam pontificar no contexto geral do Brasil como instituição maior, representante, tal como São Paulo e Rio de Janeiro, do periodismo nacional, aqui como no exterior.